

Para além de nós: relações de amor através da performance e da escrita

Andrea Pech¹

REALIZANDO UM ESFORÇO PARA ALINHAR PRÁTICA E TEORIA, este texto transita entre uma escrita de artista e uma escrita acadêmica. Ele conta sobre o processo de desenvolvimento de um trabalho artístico e ele é o próprio trabalho em si. Na primeira parte, exponho textos-obra: escritos sobre a criação de uma performance e textos que compuseram esta performance. Na segunda, discorrerei sobre as questões que permeiam minha pesquisa e que atravessam este trabalho, trazendo algumas referências. Sem abrir mão de uma escrita pessoal, a exposição destas questões se dá em uma narrativa, onde o interesse não é justificar o trabalho ou apontá-lo em uma direção definitiva. A intenção aqui é abrir fissuras, transitar por caminhos errantes e pousar em encruzilhadas.

Parte 1

O que eu preciso te dizer, noite?

No meio do mato, achei uma construção geométrica: um salão octogonal. Um dos lados era uma grande porta de vidro. Os outros lados tinham, cada um, três janelas de vidro velhas, que antes foram portas de geladeira. Vidro duplo, moldura vermelha. Geladeiras de coca-cola. O número de lados (com janelas) era o mesmo número de mulheres que tive na minha vida. Uma coincidência feliz.

Todo vidro é um espelho em potencial. É apenas uma questão de controle da luz.

Preciso visitar o espaço à noite, vê-lo no escuro, para entender o potencial de reflexão desses vidros. Desço por uma trilha que beira um rio, com uma luz fraca guiando meu caminho. O espaço é ao lado de uma cachoeira, mas não a vejo: tudo à minha volta é breu. Apenas ouço o barulho das águas correndo. Espero que possam lavar minha alma e que eu possa seguir no seu fluxo. Acendo velas. Objeto nostálgico, lembrança de igrejas, funerais e assombros. Quantas preciso para iluminar o espaço e me refletir naquelas janelas?

Ilumino meu rosto e sinto o calor do fogo. O frio da noite não consegue penetrar o espaço. Apareço nas janelas e meu reflexo reage ao tremeluzir da chama da vela. De perto, percebo que o vidro duplo borra os contornos de minha imagem. Torno-me Outra, capaz de assombrar a mim mesma — os reflexos são minha sombra, meu fantasma, as mulheres que amei. As velas também são refletidas. Da mureta da janela, se multiplicam ao infinito. No horizonte posso ver uma cidade — toda a natureza desaparece. É necessário levá-la dentro de mim. Seguir no ritmo da água sentindo o calor do fogo.

Na manhã seguinte, preencho o espaço com meus fantasmas. Fantasmas evocados através das palavras que havia escrito alguns dias antes. Um texto para cada mulher por quem me apaixonei. Foi um caminho tortuoso achar as palavras certas, reinventando memórias, cenas, sentimentos. É

¹ Mestranda em Artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: pech.andrea@gmail.com

preciso relembrar, reviver, transformar suas histórias e também a mim mesma. Danço, falo, medito, escrevo naquele espaço. Sempre sozinha, acompanhada apenas de memórias. Fragmentos de memórias.

Os textos saem do meu caderno para a janela: é hora do cuidado. Tinta e pincel. Não deixar nem muito grande nem muito pequeno. Fazer uma letra legível. Manter o tamanho da entrelinha: dois dedos e meio, ou seriam três? Não descer ou subir a montanha; melhor pegar uma régua, não tem régua, qualquer papel serve. A voz na cabeça: mais pra lá, mais pra cá. Será que importa?

Quando acabo o trabalho braçal, olho em volta. São sete textos em sete janelas. Finalmente posso respirar. Uma imagem me vem à mente: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete. Tem sete mulheres na sala. Não, oito — tem eu no meio. Elas me olham, eu olho para elas. Não consigo decifrar se estão tristes ou felizes, se queriam estar ali ou não. O que *eu* faço aqui mesmo?

O dia cai, começa a noite. Eu sempre gostei mais da noite. É a hora em que mais saio de casa, em que mais saía com elas. Sapatão, viado e travesti é tudo criatura da noite. Mas ali só tem eu e as aranhas. As estrelas brilham como nunca antes vi. Acendo três velas para cada história e uma para mim. Olhando em volta, quantos rostos eu vejo? Quantas vezes me vejo? Vejo-me vendo cada uma delas?

Chegada a hora: levo outros para meu espaço de intimidade. Deixo que adentrem, que descubram minhas palavras. E nelas, um pouco da nossa história — um pouco de mim e um pouco de cada mulher que está ali. Espero que se acomodem, que fiquem confortáveis. Favor não se posicionar na frente das janelas, fazer silêncio, não tirar foto com *flash*.

Tenho que fazer uma ação, fazer aquilo que fui fazer lá. É difícil começar: é preciso dar um tempo, entender a imagem, ser possuída pelas palavras. Esforço-me para reunir a saliva e começar a pronunciar esses escritos. Falo em voz alta para que possa ouvi-las. Olho para o vidro para me ver falando. Ver o texto sobre mim: as palavras que saíram de mim, as histórias que me atravessaram. Nos meus reflexos sobrepostos por palavras, vejo os rostos daquelas com quem falo.





que consegui dormir abraçada com alguém. Sua cama era tão pequena que não havia como ser de outro modo. Mas não foi desconfortável. Nem sabia direito quem você era, descobri no dia seguinte. E quanto mais eu te conhecia, mais eu queria você perto de mim. Se no primeiro momento você era uma imagem que fazia meu corpo tremer, agora você era a pessoa que eu precisava para viver. Passamos a deitar abraçadas todas as noites. Eu sentia sua respiração junto ao meu corpo e tentava respirar no mesmo ritmo. Às vezes parecíamos coladas uma a outra. Passamos horas, dias, meses deitadas na cama. Agarradas. Você curava minha insônia, e eu curava a sua. Achei que poderíamos passar a vida dessa forma.



Para além de nós, ecovila Terra Una (Liberdade – MG), 2017.

Fotos: Elaine Cimino

1/7

Segurei sua mão. Relaxa, não vai doer. Ouvimos aquele barulhinho, primeiro momento de aflição. Excitação. Eram os últimos segundos antes de nos marcarmos no corpo uma da outra. A agulha entrou no seu pulso, você apertou minha mão. Alguns minutos depois, era a minha vez. No final do processo ficamos lado a lado, demos as mãos, entrelaçamos os dedos. O desenho se complementava na junção. Um símbolo da nossa infância. Sorrimos. Não há como não sorrir ao lembrar da nossa infância.

Crescemos juntas até que o acaso decidiu nos separar. Quando você se mudou, me disse: não importa a distância. Hoje, quando te vejo, percebo que nos tornamos pessoas muito diferentes, mas certos sentimentos não mudam. Marcamos na pele o início de uma relação que sabemos que vai durar para sempre. Minha amiga, minha amante, minha irmã.

2/7

Você me perseguia pelos corredores da faculdade. Podia sentir seus olhares por onde eu ia. Certa vez me abordou no banheiro feminino. Conversou comigo pelo reflexo do espelho enquanto eu passava maquiagem nos olhos. Eu teria ido embora logo, mas precisava terminar — não podia sair com um olho pintado e o outro não. Você começou falando sobre qualquer coisa e terminou me pedindo um beijo. Eu neguei. Você insistiu, neguei de novo. Não gostava de traições. Alguns anos depois nos agarramos no mesmo banheiro. E em muitos outros. Passei a evitar seus olhares. Evitava mais ainda os olhares da outra. A cada canto, a cada curva daquele prédio, achava que ela surgiria para me atacar. Você ia e voltava dela para mim e eu nunca entendi se você gostava de mim ou do jogo.

3/7

Na noite anterior à minha partida, você apareceu. Não sabia se a veria naquele momento, e não fiquei feliz de vê-la. Você só apareceu, só foi atrás de mim, quando eu decidi te esquecer. Quando eu te queria, e como eu te quis, você se afastou. Dizia que não era para você, e você não sabe o quanto isso me doeu. Durante um bom tempo acreditei em nós. Acreditei que pudéssemos ficar juntas de verdade. A cena daquela noite ficou gravada na minha memória: a chuva, o mar, você chorando. Não consegui acreditar nas suas lágrimas e não te perdoei. Talvez, por não conseguir te perdoar, não consegui te esquecer. Fui embora, mas seu rosto, seu nome, permaneceram comigo por muito tempo.

4/7

Você me deu o apelido pelo qual vários dos meus amigos me chamam. Eu lhe dei outro, que rimava com o meu. Andávamos de bicicleta lado a lado, quase todos os dias. Uma vez você sugeriu que tentássemos pedalar de mãos dadas. Caí ao tentar alcançar sua mão. Rimos muito. Você é provavelmente a pessoa mais engraçada que já conheci. Sempre nos divertíamos juntas: nos bares, nas festas, nas viagens. Naquele país frio, eu não queria ficar sozinha. Sentia que não havia mais ninguém ali que combinasse comigo, que me entendesse como você. Estivemos juntas por alguns meses, sem nunca estarmos juntas de verdade. Depois nos separamos, sem nunca nos separarmos de verdade. Com o tempo, percebi que nossa relação sempre foi sobre amizade.

5/7

A primeira vez que dormimos juntas foi a primeira vez que consegui dormir abraçada com alguém. Sua cama era tão pequena que não havia como ser de outro modo. Mas não foi

desconfortável. Nem sabia direito quem você era, descobri no dia seguinte. E quanto mais eu te conhecia, mais eu queria você perto de mim. Se no primeiro momento você era uma imagem que fazia meu corpo tremer, agora você era a pessoa que eu precisava para viver. Passamos a deitar abraçadas todas as noites. Eu sentia sua respiração junto ao meu corpo e tentava respirar no mesmo ritmo. Às vezes parecíamos coladas uma a outra. Passamos horas, dias, meses, deitadas na cama. Agarradas. Você curava minha insônia, e eu curava a sua. Achei que poderíamos passar a vida dessa forma.

Tempos depois, a proximidade começou a doer. Uma noite você disse que estava desconfortável. Virou para o outro lado, não me abraçou mais. Fui tomada por um desespero, comecei a chorar. Levantei da cama, fui chorar sozinha. Passei a chorar todos os dias. Minha insônia voltou, a sua também. Sabia que você queria se afastar, e eu não sabia como mantê-la perto. Se a proximidade doía em você, a distância começou a me machucar. Queria respirar no seu ritmo, mas, junto a mim, você não conseguia respirar.

6/7

Acordei sentindo seu toque no meu corpo. A ponta dos dedos transitando pela minha barriga, a palma da mão descendo na minha coxa. De volta para cima, passeando pelo meu abdômen, pelos meus peitos, segurando meu pescoço com a mão. Encostando a pontinha do indicador nos meus lábios, passando os dedos no meu cabelo, deslizando na minha orelha, na minha nuca, no meu ombro, meu braço, minha mão. E dá voltas, seguindo e se perdendo no meu corpo.

Abri os olhos, te olhei. Você me olhou, você me tocou. Eu adorava olhar nos seus olhos, você sempre com vergonha do meu olhar, mas não ali. Tivemos tantos momentos de silêncio constrangedores em bares e ruelas, quando eu não cansava de te olhar. Enquanto eu tinha medo de dizer o que pensava, você tinha medo de escutar o meu olhar. Mas não ali.

Fechei os olhos, para sentir seu toque no meu corpo. Senti todas as partes do meu corpo que tremiam com o movimento dos seus dedos. E abri os olhos. Vi que você estava de olhos fechados, os lábios entreabertos em um leve sorriso, que soltava o ar em uma respiração marcada. Escutando meu corpo, sentindo meu corpo. Sentindo meu corpo sentir seu ato de senti-lo. Fechei os olhos. E você nunca mais me olhou como ali.

7/7

Nos conhecemos em circunstâncias improváveis. Você escrevia músicas tristes sobre abandono. Eu estava triste, me sentia abandonada. Fui convidada para encenar suas músicas. Eu era você ali. Na ficção, tive que viver o que você passou. Reviver o que eu mesma passei. E a gente se entendeu. Daquele jeito meio sem jeito você se aproximou de mim. Eu gostei. De repente, eu estava com você. Não estava mais sozinha, estávamos juntas. Conversávamos sem nos importar com a nossa hora. Quando estava com você, não pensava no futuro. Mas foi tão bom, pelo menos por aquele momento, que eu e você saíssemos dos nossos papéis de abandonadas. Lembro quando você disse que gostava de mim, e percebi que não andávamos mais na mesma direção. Não soube como prosseguir, e tive que lhe deixar ir embora. Acho que me iludi, te mantive perto para não estar sozinha. E você escreveu uma música triste sobre meu abandono.

Para as 7:

Te trouxe à luz porque não podemos mais viver na escuridão.

Conto a nossa história para que ela viva para além de nós.

Apago esse fogo, para que eu possa seguir meu fluxo.

Para mim:

Me trouxe à luz porque não posso mais viver na escuridão.

Conto as minhas histórias para que elas vivam para além de mim.

Apago esse fogo, para que eu possa seguir meu fluxo.

Parte 2

Nada é mais singular do que a descarga sensível, erótica, afetiva que certos corpos produzem sobre nós (...) Tal conformação, tal tipo de porte, tal cor de cabelos, um jeito, um espaçamento entre os olhos, um movimento ou um contorno das espáduas, do queixo, dos dedos, quase nada, mas um tom, uma dobra, um traço insubstituível... Não é a alma, mas o espírito de um corpo: sua marca, sua assinatura, seu odor (NANCY, 2012, p.52).

Este trecho é o trigésimo oitavo dos *58 indícios sobre o corpo* de Jean-Luc Nancy. Ele reverbera em mim, imediatamente, a imagem de um corpo que conheço muito bem, mas que me está distante há algum tempo. Depois de alguns segundos, outros corpos com os quais tive contato, com os quais mantive relações afetivas, também me aparecem. Imagino que o leitor também tenha, nesse momento, pensado em algum (ou alguns) corpo(s) que lhe cause(m) esse efeito. Cada corpo afeta de forma singular outro corpo: podem causar atração, repulsa ou indiferença. E, contraditoriamente, todos esses efeitos combinados. Se por um lado nos parece impossível explicar como os afetos são produzidos no encontro de corpos objetivamente, por outro, estas sensações são facilmente reconhecíveis e fazem parte da vivência comum.

É a partir desse reconhecimento que *Para além de nós* — uma performance apresentada em uma ecovila desenvolvida durante um período de três semanas de residência— pode articular diversas relações de amor. Intimidade, relações privado-público, reflexo, memória e amor são alguns dos temas sob os quais esta performance se pautou. Como contar histórias de amor e separação? Porque se aventurar a falar de assuntos íntimos de forma pública?

Através da escrita e da performance, procuro vincular espaços e temporalidades distintas. Escrevi cartas para as mulheres pelas quais me apaixonei e tive uma relação amorosa na minha vida até então, contando nossas histórias, exibindo algo de nosso relacionamento e algo de nossa separação. Este processo partiu, inicialmente, de um desejo de me transformar: ressignificar mágoas em mim e passar a pensar em outras possibilidades de relacionamento. A prática da escrita é bastante relacionada a uma constituição de si, sendo analisada por diversos autores, como Leonor Arfuch, Roland Barthes, Luiz Costa Lima, Michel Foucault e Philippe Lejeune. Em *Escritas de si, escritas do outro*, Diana Klinger (2012) dialoga com estes pensadores, inserindo-se no debate acerca da produção de subjetividade em relação com a escrita, com o objetivo de “articular a escrita com uma noção contemporânea da subjetividade, isto é, um sujeito não essencial, incompleto, e suscetível de autocriação” (p.39). A autora trabalha a ideia de Hal Foster de que o “retorno do real” coincide com o “retorno do autor”, afirmando: “o‘efeito de tempo real’ produzido na *escrita de si* se revela agora como a função de um desejo — uma ‘fome de real’—; o suplemento de uma falta, que é o próprio real” (p. 40). Acredito que meu desejo pela escrita está alinhado a essa noção de falta e atrelado a construção de um sujeito contemporâneo.

Dentro deste contexto, considero relevante retomar a concepção de “escrita de si” conforme apresentada por Foucault (2004). Em sua análise, retomando da Antiguidade clássica até os dias

de hoje, o autor demonstra que escrever não é a eternização de uma memória, mas a própria construção e fixação desta em si. O ato de escrever, então, constitui o sujeito. Ainda, em relação a minha produção, destaco a escolha pelo formato da carta, que é ressaltada por Foucault devido a sua capacidade de presentificar o autor.

A carta torna o escritor "presente" para aquele a quem ele a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física. (...)

Escrever é, portanto, "se mostrar", se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (...) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. A carta prepara de certa forma um face a face (2004, p. 156).

A vontade de escrever uma carta se dá pelo desejo de presentificação do Outro: escrever para determinado destinatário é torná-lo presente diante de si, assim como ler uma carta é perceber, nas palavras, um mostrar-se deste autor. O formato da carta — mesmo cartas que nunca foram enviadas — foi uma maneira de imaginar minhas interlocutoras diante de mim e, através delas, mostrar-me. Para mim, escrever cartas que não são enviadas é evidenciar uma escrita de separação: aquela com quem falo não está mais ao meu alcance. Ressalto a necessidade pessoal de escrever para lidar com a presença de um trauma: a escrita foi uma forma de lidar com a falta gerada pelo término destas relações.

Outro assunto a ser ressaltado é o amor, ou pelo menos uma ideia construída de amor. Os textos autobiográficos que exponho podem ser reconhecidos como cartas de amor, termo que carrega em si diversos pressupostos e é considerado de pouca relevância para um debate intelectual. É muito difícil escrever sobre o amor neste contexto, ainda mais considerando a intimidade que me proponho a exhibir, mas sinto necessidade em fazê-lo. Roland Barthes abre *Fragmentos de um discurso amoroso* justamente apontando:

A necessidade desse livro se apoia na seguinte consideração: o discurso amoroso é hoje em dia *de uma extrema solidão*. Este discurso talvez seja falado por milhares de pessoas (quem sabe?), mas não é sustentado por ninguém; foi completamente abandonado pelas linguagens circunvizinhas: ou ignorado, depreciado, ironizado por elas, excluído não somente do poder, mas também de seus mecanismos (ciências, conhecimentos, artes) (1994, s/paginação).

Especificamente dentro do tema do amor, determinei que me pautaria, em *Para além de nós*, na questão do término de um relacionamento, no que fazer a partir da ausência do ser amado. Entendo que opero a partir de um clichê, do amante abandonado. Ainda que, atentando aos textos-obra autobiográficos apresentados na PARTE I deste exercício — as cartas de amor e separação — percebe-se que nem todas se apresentam sob essa perspectiva de um trauma, de um sofrimento romântico exacerbado. No entanto todas falam em uma ausência. Sobre a ausência, Barthes coloca:

Devo infinitamente ao ausente o discurso da sua ausência; situação com efeito extraordinária; o outro está ausente como referente, presente como alocutário. Desta singular distorção, nasce uma espécie de presente insustentável; estou bloqueado entre dois tempos, o tempo da referência e o tempo da alocação; você partiu (disso me queixo) você está aí (pois me dirijo a você). Sei então o que é o presente, esse tempo difícil: um simples pedaço de angústia. A ausência dura, preciso suportá-la. Vou então manipulá-la: transformar a distorção do tempo em vaivém, produzir ritmo, abrir o palco da linguagem (1994, p. 29).

A angústia que sinto e que procuro expressar com a apresentação de minha performance é, portanto, decorrência desse sentimento de ausência. No entanto, o fato de falar de sete mulheres tensiona essa relação: meu interesse é que a diversidade de encontros venha ela mesma a ser relevante para ressignificar minhas memórias. Posso não mais sofrer com a falta e sim celebrar o encontro. Posso expor minhas histórias pessoais na esperança de que deem visibilidade para o amor entre mulheres. Esta ressignificação da ausência, no meu trabalho, é operada pela escrita. Presentificar a memória destes fantasmas no mesmo espaço é propor uma combinação de temporalidades anacrônicas. Esta combinação pode ser tomada como inerente à prática da escrita: escreve-se sobre algo que aconteceu, algo que foi dito, algo que é projetado ou algo que se inventa, dentre inúmeras possibilidades.

Aponto outra ideia de Foucault, que nos ajuda a compreender como a arte pode articular espaço e tempo: a heterotopia (2009), um lugar que justapõe diversos espaços, a princípio incompatíveis, causando naquele que nela adentra a sensação de ser atraído para fora de si. Um lugar de todos os tempos que esteja ele próprio fora do tempo (2009, p. 419). Em *Para além de nós*, busco constituir uma heterotopia onde junto-me à presença destes fantasmas de diferentes fases da minha vida, tornando este lugar um espaço de intimidade, uma coleção de memórias. Cabe lembrar que o acaso teve seu papel no desenvolvimento da performance, pois parti do encontro com um lugar peculiar: um salão de vidro que, por coincidência, tinha a mesma quantidade de lados que eu tinha de textos. Ao escrever cartas de amor à mão sobre as janelas de vidro, memórias foram reformuladas e temporalidades se confundiram em um momento que revive amores ausentes, onde posso ser afetada novamente.

Somando-se ao salão e aos textos, meu próprio corpo entra ali. Na noite, a partir da iluminação de velas, o vidro tornou-se um espelho, gerando a replicação da minha imagem. Tenho a estranha percepção de me ver como Outra nesses reflexos, que são sobrepostos pelos textos, as histórias marcam meu corpo. Para Foucault, o espelho é o lugar de uma experiência singular, mista da heterotopia e da utopia.

O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo: é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer

forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou: o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe (2009, p. 415).

O espelho presentifica o Eu onde ele não está: na imagem do corpo que não tem matéria. É onde me projeto que me vejo e que me faço. O espelho provoca também uma profunda separação entre minha imagem e eu. No entanto, em relação ao objeto em si, é preciso compará-lo com outras produções de reflexo. Em *A água e os sonhos*, Bachelard afirma:

É preciso compreender a utilidade psicológica do espelho das águas: a água serve para naturalizar a nossa imagem, para devolver um pouco de inocência e de naturalidade ao orgulho da nossa contemplação íntima. Os espelhos são objetos demasiado civilizados, demasiado manejáveis, demasiado geométricos; são instrumentos de sonhos evidentes demais para adaptar-se por si mesmo à vida onírica. (...) O espelho da fonte é, pois, motivo para uma *imaginação aberta*. O reflexo um tanto vago, um tanto pálido, sugere uma idealização (1998, p. 23).

Apesar da janela de vidro utilizada em meu trabalho também ser um objeto civilizado e geométrico, a experiência de reflexo obtida a partir da luz de velas à noite se aproxima deste reflexo descrito por Bachelard. Esta necessidade da noite para produção de um reflexo casou com os sentimentos que me atravessaram na produção deste trabalho. Conforme definida por Barthes, noite é “todo estado que suscita no sujeito a metáfora da obscuridade (afetiva, intelectual, existencial) na qual ele se debate ou se acalma” (1994, p. 152). O vidro à noite, ainda mais se tratando de um vidro duplo, fazia com que minha imagem fosse duplicada de forma borrada, trêmula e incerta. Tornei-me espécie de fantasma que confrontava a mim mesma com meu passado.

O reflexo é uma imagem que provoca este estranhamento singular. Olhar o próprio reflexo propicia uma experiência de descoberta e de formação do sujeito, a partir de um estado de não reconhecimento da imagem — que é percebida pelo Eu como um Outro. Toda relação vivida é pautada em nossa relação com o próprio reflexo, pois é em função de como nos vemos que nos colocamos diante do mundo. E é no próprio reflexo que vemos que projetamos também estas relações. Para Merleau-Ponty:

O espelho aparece porque sou vidente-visível, porque há uma reflexividade do sensível, que ele traduz e duplica. Por ele, meu exterior se completa, tudo o que tenho de mais secreto passa por esse *rostro*, por esse ser plano fechado que meu reflexo na água já me fazia suspeitar. (...) O fantasma do espelho puxa para fora minha carne, e ao mesmo tempo todo o invisível de meu corpo pode investir os outros corpos que vejo. Doravante meu corpo pode comportar segmentos tomados do corpo dos outros assim como minha substância passa para eles, o homem é o espelho

para o homem. Quanto ao espelho, ele é o instrumento de uma universal magia que transforma as coisas em espetáculos, os espetáculos em coisas, eu em outrem e outrem em mim (2013, p. 26-27).

O papel do espelho na relação com o Outro pode ser compreendido, em uma perspectiva psicanalítica, através de Lacan em seu conceito de “estádio do espelho” (1998) — que determina que a formação do sujeito passa necessariamente pelo reconhecimento do Outro. Para Lacan, o sujeito se constitui em suas relações sociais a partir do momento e da maneira que se percebe como um Ser. Não é apenas onde se vê — diante do espelho — mas onde se imagina, no que imagina ser diante do Outro, e no Outro mesmo. Ao ver e interagir com o Outro, podemos nos voltar a nós mesmos.

É no Outro (A) que o sujeito se constitui como ideal, que ele tem que regular o acerto do que vem como eu, ou o eu ideal (...), a se constituir em sua realidade imaginária. (...) ali onde o sujeito se vê, isto é, onde se forja essa imagem real e invertida de seu próprio corpo que é dado no esquema do eu, não é lá de onde ele se olha. Mas, certamente, é no espaço do Outro (A) que ele se vê, e o ponto de onde ele se olha também está nesse espaço. (LACAN, 2008, p. 142-143)

Para Lacan, o encontro de dois corpos seria sempre um encontro de duas solidões. Não se relaciona com o Outro, mas com a imagem que se forma dele, uma imagem que serve de espelho a si mesmo. Uma relação amorosa é um lugar de espelhamento, e é isso que busco apreender quando me refaço a partir de minhas palavras e minha imagem. Os textos sobre as mulheres que amei estão no meu reflexo pois elas são também parte de mim. Nesse momento, entendo o próprio texto como um reflexo meu. A relação entre imagem e palavra, então, torna-se fundamental: são as palavras que fazem acender as imagens dos rostos de cada uma que me relacionei sobre meu próprio reflexo. No texto, procuro entender aquilo que infelizmente parece inevitável: a passagem do amor para a separação.

Uso o reflexo também para me ver no próprio ato, e apago as velas até chegar à escuridão. Neste cenário, ainda me pergunto sobre que paradigma de amor estamos nos relacionando, esta ideia de amor transcendental, construída por um discurso romântico ocidental, que me parece fadado a uma separação provocadora de mágoas e angústias. Há, portanto, uma busca não apenas por exibir minhas histórias, mas por ser afetada pelo próprio processo que criei e executei, quase buscando uma cura para mágoas passadas. O processo da escrita tornou-se vital para essa conciliação, não mais com aquela que foi meu amor, mas comigo mesma. É no texto que se dá um movimento de ressignificação de minhas relações.

O texto é também um lugar onde o espectador pode se ver. Este trabalho parte então da crença de que o amor — ou pelo menos o desejo por esse modelo de amor — é um sentimento experienciado e conhecido por todos, assim como as decepções e descompassos que permeiam o processo de se relacionar. Exibo intimidades em busca de provocar uma identificação: se o espectador não soubesse, não vivenciasse ou não entendesse o que é um encontro de corpos que se atraem, se apaixonam, se esgotam e se repelem, não haveria trabalho. O espelho que o trabalho opera não é apenas meu, mas de qualquer um que é capaz de se projetar nessas histórias.

Há dois tipos de Outro nesse processo. O primeiro são as mulheres com quem falo. Mas apesar de ser a elas que me dirijo no texto, não são elas que pretendo alcançar. Estas são cartas

não enviadas. O segundo Outro é, portanto, o público — quem assistiu à performance ou o leitor deste texto. Mesmo sem compartilhar das mesmas questões, há um movimento de empatia que decorre da exposição de uma intimidade. As histórias voltam como reflexo: quais foram seus amores e como foram seus términos? Como ele deseja que o sejam? Para mim, no exercício da empatia que acontece quando se debruça sobre uma obra que expõe uma intimidade, um novo afeto se articula, um amor é ali compartilhado.

Apesar de *Para além de nós* decorrer de uma vontade individual de superar traumas de separação através de um ritual centrado na escrita, a presença deste espectador é fundamental. Eles me servem de testemunha não apenas do meu ritual, mas deste amor. Ressalto que todas são histórias de amor entre mulheres, reais, vividas por mim. Na luz que revela o texto e o meu reflexo, afirmo nossa existência, nós vivemos e sofremos por amor. Se o amor entre mulheres foge à norma, esse espaço também se torna um lugar de resistência. Dar luz às histórias que são invisibilizadas e pensar como construímos nossas relações é buscar novas formas de existir como comunidade. Então realizo esta ação para que as histórias passem de narrativas individuais de sofrimento para uma celebração da multiplicidade de encontros.

Reúno sete textos que dão uma perspectiva sobre as histórias de amor que vivi. Quando escolho contá-las através de cartas de amor, revejo e refaço-me a partir da memória. A cada interação, a cada relacionamento e sua separação — com suas próprias questões e seus modos de funcionamento — me constituo enquanto sujeito. Escritas no vidro, as histórias desenham um espaço de intimidade: as palavras rearticulam temporalidades, desvelam subjetividades e aproximam o espectador. Atravessando meu reflexo, a escrita presentifica cada mulher por quem me apaixonei. Ao me olhar no vidro, vejo o rosto de cada mulher que me tocou. Alguém que conheço, com quem convivi, com quem compartilho uma história. A vivência que tivemos uma com a outra marcou nossos corpos. A Outra é meu espelho. O Outro serve de espelho ao Eu, mas o espelho é o lugar para se ver como Outro, para se entender em relação ao mundo. No entanto, o espaço em que exibi essas histórias não é o espelho, mas o vidro. Transparente quando a luz o atravessa e altamente reflexivo quando há pouca luz, apenas de um dos seus lados, o vidro produz um reflexo distorcido, de contorno mal definido. Borrado, obscuro, vulnerável, indefinido, desfocado, dobra de mim mesma. Nele, me vejo como meu próprio fantasma. E só posso vê-lo à noite.

O escuro precisa da luz. Escolho velas — para realizar uma prece, enterrar uma pessoa ou instaurar um clima romântico? Acesas, elas trazem luz para nossa comunidade obscura: é no espaço da noite que somos lésbicas. Cada vela dá visibilidade para uma história de amor que diverge da norma. Na multiplicidade dos meus encontros, penso em uma comunidade que se constitui a partir do amor. Aquelas mulheres com quem me relacionei — em suas diversas histórias, todas singulares — estão no mesmo espaço juntas: amo não apenas cada uma delas, mas aquele coletivo. As histórias não são apenas uma coleção de memórias como também a formação de uma comunidade que preciso preservar, cuidar, celebrar, amar.

Ao escrever cartas para ex-amores — não para entregá-las, mas para torná-las públicas — acreditei que poderia provocar uma nova relação a partir de amores encerrados. Esta rede afetiva pode ser percebida por aquele que vai de encontro ao trabalho. Quem lê ou ouve uma dessas histórias pode não conhecer a pessoa de quem estou falando, mas reconhece algo: aquilo que ela deixou em mim. Em um exercício de empatia, o espectador pode se aproximar da comunidade que se forma ali. Quando ele me escuta, pensa também em suas próprias relações. É no meu reflexo, onde ele me vê contando histórias de amor, que ele se vê também.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Hortênsia dos Santos. 13ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

FOUCAULT, Michel. "A escrita de si". In: *Ética, Sexualidade, Política*. Ditos e Escritos V. Org: Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. "Outros Espaços". In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Ditos e Escritos III. Org: Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LACAN, Jacques. *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M. D. Magno. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. "O estádio do espelho como formador da função do [EU] tal qual nos é revelada na experiência psicanalítica". In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. Trad. Paulo Neves, Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NANCY, Jean-Luc. "58 indícios sobre o corpo". In: *Rev. UFMG, Belo Horizonte*, v. 19, n. 1 e 2. Trad. Sérgio Alcides. p. 42-57. 2012.

Recebido em: 31 de julho de 2017

Aceito em: 8 de outubro de 2017